



Ensaio Fotográfico

Barranqueiros do rio São Francisco

Rubens Lopes¹

Resumo

O ensaio mostra a realidade das comunidades que vivem na beira do Rio São Francisco, em Pirapora, Minas Gerais e também discute a relação do homem/rio em meio ao processo da grande obra de transposição desse que é um dos mais importantes rios do país.

Palavras- chave: Rio São Francisco, barranqueiro, Meio-Ambiente

Barranqueiros del río São Francisco

Resumen

El ensayo muestra la realidad de las comunidades que viven en la orilla de río São Francisco, en Pirapora, Minas Gerais/ Brasil y también discute la relación hombre/río en medio del proceso de la gran obra de transposición de ese que es uno de los más importantes ríos del país.

Palabras clave: Río São Francisco, barranqueiro, medio ambiente.

Barranqueiros of the São Francisco river

Summary

The paper shows the reality of the communities that living on the edge of the São Francisco River in Pirapora/Brasil and also discusses the relationship of man /river amid the process of the great work that is the transposition of the São Francisco, one of the most important rivers in the country.

Keywords: São Francisco river, barranqueiro, Environment

¹ Estudante de jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - bolsista no Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA). rubenslopes1986@gmail.com

“A pulsação nossa é o coração do mundo”

Daniel Sampaio, barranqueiro

De sua nascente na Serra da Canastra, no município de São Roque de Minas, o rio São Francisco sobe até a Bahia, Pernambuco e divide os estados de Sergipe e Alagoas até desaguar no oceano atlântico. Durante esse percurso ele atravessa a vida das pessoas que vivem às suas margens. É um dos rios mais importantes de Minas Gerais e uma das veias do país que alimenta milhares de famílias às suas margens. Mas algum tempo o rio vive uma alteração de seu curso a partir de um projeto governamental, que desvia suas águas e isso tem causado uma série de problemas em sua natureza. Hoje os barranqueiros (aqueles que nascem às margens do rio) vivem uma seca sem precedente em suas histórias, a deles e a do rio.









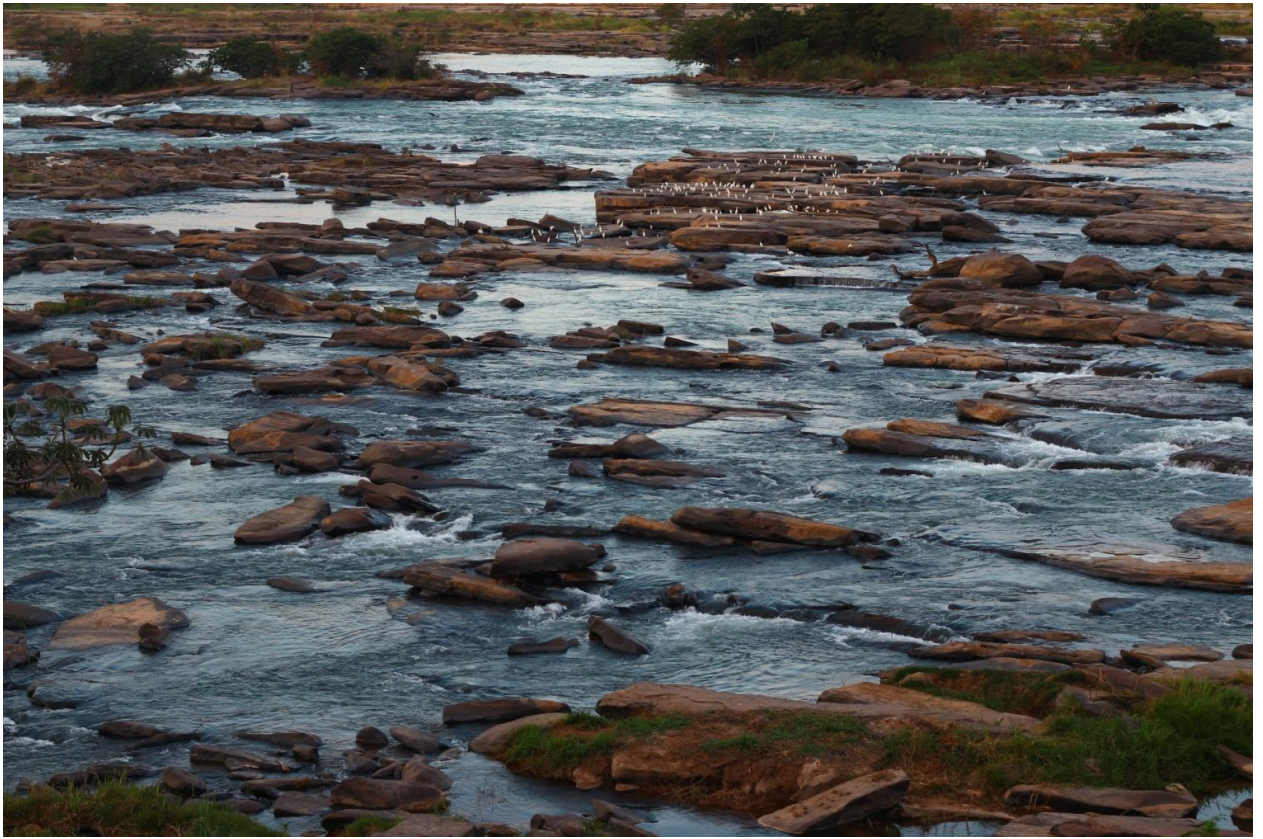


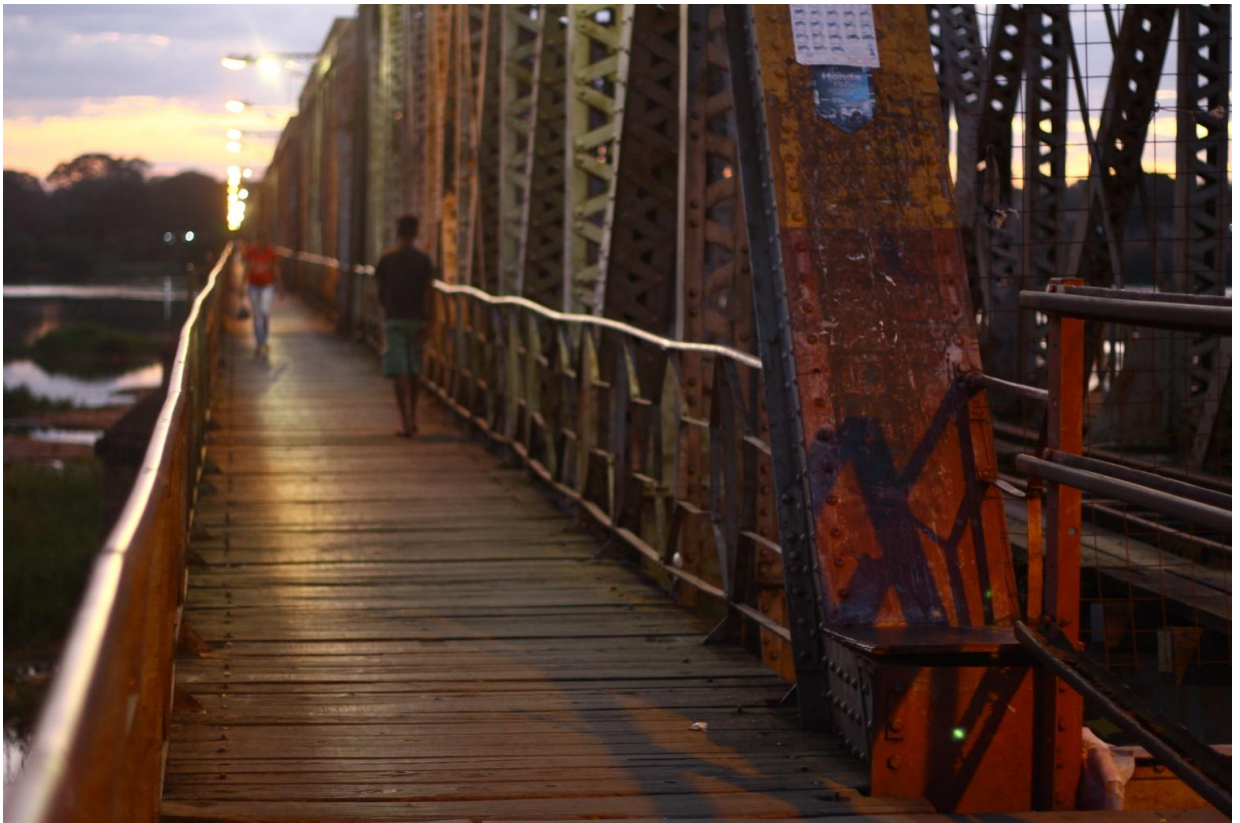


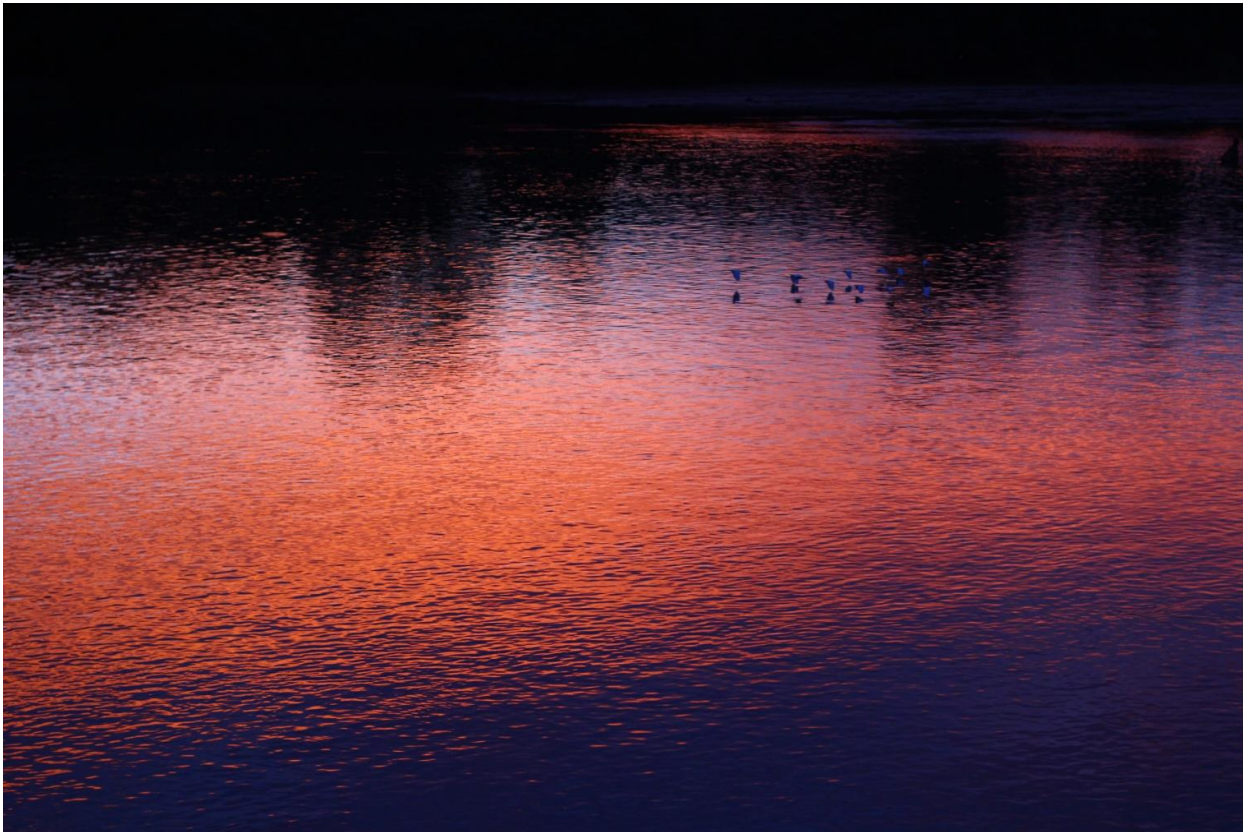


















A vida do barranqueiro é o rio

Apoiado no alicerce da ponte que liga Pirapora a Buritizeiro, cidade vizinha, um pescador olha para o horizonte no final de tarde. É nessa hora que as garças sobem o rio São Francisco para descansar. Suas penas brancas contrastam com as pedras e os bancos de areia

que se formam no meio rio. O “Velho Chico” está virado num pequeno risco, murmura. Em alguns lugares, onde antes se escondiam os perigosos “caixões” (buracos formados nas pedras), é possível atravessá-lo caminhando. O altaneiro vapor Benjamim Guimarães que singrava as águas escuras, agora está parado e seu silêncio se confunde com o do pescador.

Pirapora é onde começa o trecho navegável do rio São Francisco. O nome vem do tupi-guarani (pira: salto + poré: peixe) que significa “salto do peixe”. A cidade teve seu auge no decorrer da segunda metade do século XX. A economia, àquela época, era movimentada pelas manufaturas trazidas nos vagões dos trens e depois transportadas nos vapores (embarcações com uma roda movida a carvão) até às comunidades ribeirinhas. Em algum recôndito era comum a prática do escambo de peixe salgado por manufaturas e principalmente pregos, material muito útil na construção das casas de sapê (casas com paredes feitas de madeiras do cerrado cobertas com argila e teto de palha de buriti). O rio que atravessa cinco estados brasileiros, ao longo dos tempos levou vida próspera para as comunidades às suas margens. Hoje suas águas não têm mais forças para transportar os vapores e tampouco alimentos para os peixes e para as famílias que vivem à margem do rio.

As pessoas que nasceram em Pirapora e nas cidades vizinhas: Buritizeiro, Várzea da Palma e Guaicuí são também conhecidas como barranqueiras, por organizarem suas vidas nas barrancas do “Velho Chico”. Os músicos do lugar - Ivinho Lopes, Marku Ribas, Inácio Loyola, Fathyo Viana e tantos outros - inventaram um ritmo conhecido como a bossa nova barranqueira para cantar as coisas do lugar. Os poetas barranqueiros escrevem versos que lembram Neruda, mas que retrata o dia a dia da sua gente, os artistas pintam em aquarela utilizando a mesma água que as lavadeiras lavam as roupas. A vida se organizou assim porque as pessoas dali acreditam que a vida só é possível com o rio, por isso o reverenciam.

É esse rio que agora agoniza, carregado de silêncios. Nele já não pulam os peixes nem as crianças acostumadas a saltitar no passo das duchas (piscinas naturais). Nele não cantam as lavadeiras nem remam os canoeiros em busca da comida farta. Ferido pela grande obra de transposição – que busca mudar seu curso – ele procura novos caminhos pelas veredas do sertão. Nessa luta contra a ação do homem, ele muda, e se afasta das margens das velhas cidades. Talvez o São Francisco sobreviva. Mas, os barranqueiros não sabem se terão a mesma sorte. É o que se expressa no olhar vazio do homem que se debruça na ponte. Ele, tal qual o rio, já mais parece um fantasma.

As carrancas

Carrancas são esculturas, geralmente de fisionomia leonina, muito usadas nas proas das embarcações dos barranqueiros do Rio São Francisco. Tem por finalidade espantar os

maus espíritos e proteger as moças dos ataques sexuais do “caboclo d’água”, um dos mitos do rio. Foi usada pelos índios Maracá amarrada aos barcos que conduziam guerreiros ao combate. Hoje, os barranqueiros, assim como os índios Maracá, utilizam a carranca para defender o “Velho Chico”. O Comitê do rio São Francisco lançou a campanha “Eu viro carranca pra defender o Velho Chico”, que busca conscientizar a população sobre a necessidade da preservação e revitalização do rio, ameaçado pelo assoreamento constituído ao longo do tempo e também pelas obras de transposição.

É essa gente simples e aguerrida que defende o rio que os alimenta contra interesses escusos. O maior rio que nasce e deságua no nosso país, com uma extensão de 2.700 quilômetros e integra o Nordeste e Sudeste, ligando sete estados e abrangendo mais de 500 municípios. Presente na vida de 15 milhões de pessoas, suas águas são a principal fonte de abastecimento da região semiárida.